

Começa a pres

Enquanto ministros batem cabeça, cresce a tensão em segmentos que esperavam muito do governo Lula

GERSON CAMAROTTI

Começou a pressão na área social. Na semana passada, o país assistiu a cenas de tensão explícita em dois segmentos que esperavam muito do governo de Luiz Inácio Lula da Silva: os desempregados e os sem-terra. No Rio de Janeiro, cerca de 20 mil pessoas se empilharam numa fila – que para muitos durou até três dias – na tentativa de arrumar emprego de gari na prefeitura. No campo, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) invadiu e dividiu propriedades por conta própria em Pernambuco e tomou praças de pedágio para fazer protestos no Paraná. O líder nacional do movimento, João Pedro Stédile, criticou a lentidão do governo e avisou que não haverá trégua nas invasões. Desempregados dispostos a chiar e militantes do MST apertando o passo foram rotina em administrações anteriores – mas, para o governo petista, é quase uma estréia.

Lula se elegeu com o discurso de gerar 10 milhões de empregos em quatro anos, acabar com a fome do país e fazer a reforma agrária. Passados seis meses de governo, no entanto, tudo continua no campo das boas intenções. O Fome Zero não decolou, a reforma agrária parou e o programa Primeiro Emprego, a grande esperança do presidente para começar a abrir postos de trabalho, só deve ser lançado nesta semana, com dois meses de atraso. Pela vontade de Lula, o programa de empregos já teria sido lançado no último 1º de

COBRANÇAS Benedita e Rosseto ainda não apresentaram nada e Cristovam (abaixo) fala demais. Ao lado, a multidão que queria emprego de gari no Rio e manifestação dos sem-terra



maio. O arrocho petista, aliás, fez o desemprego crescer.

Aborrecido com o rendimento dos ministros da área social, o presidente tem feito cobranças duras. Há três semanas, num encontro da Câmara de Política Social, Lula queixou-se: "Quando vocês vão me apresentar o

projeto? Quero um resultado concreto para logo, as ações precisam acontecer". O presidente esperava que nesse encontro, ocorrido no dia 12, fosse finalmente apresentado o projeto de unificação dos programas sociais, como o Fome Zero e o Bolsa-Escola, encomendado nos primeiros dias de governo. Ainda não foi desta vez, e agora o Palácio do Planalto trabalha com a expectativa de ter algo concreto para anunciar no final de julho. A tarefa de unificar as ações sociais foi entregue à minis-

"Quando vocês vão me apresentar o projeto? Quero um resultado concreto para logo"

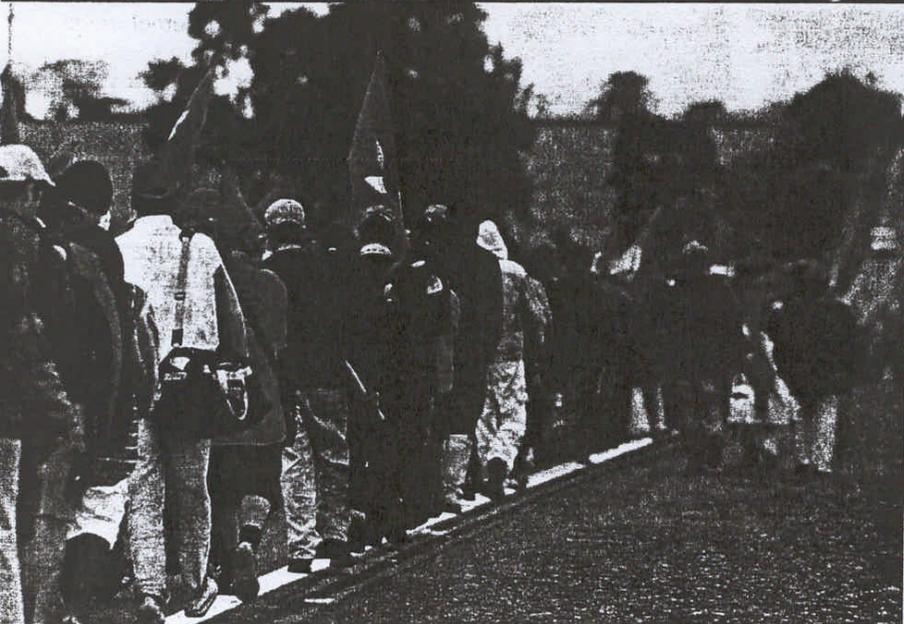
~ são social

tra Benedita da Silva, da Assistência e Promoção Social.

Em março, Lula já tinha convocado uma reunião para que Benedita apresentasse o primeiro esboço da proposta à Câmara de Política Social. O presidente ficou em silêncio durante toda a explanação. "Não entendi na-



Domingos Perceiro/Ag. O Globo



Denilda Iu/Zero Hora

da", disse Lula ao término da explicação de Benedita. A avaliação no governo é de que a ministra Benedita tem dificuldade em formular propostas e também em executá-las. "A Benedita realmente não está dando conta do recado, mas ela não vai sair do governo porque foi para o sacrifício na campanha eleitoral e ajudou Lula a vencer", afirma um líder governista. "Criamos um ministério que não existia e tivemos pouco tempo para mostrar resultados. Estamos trocando os pneus com o carro em movimento", defende-se a ministra. O presidente manteve a ministra, mas escalou a assessora especial Miriam Belchior, especialista em administração pública, para fazer o acompanhamento no dia-a-dia dos programas sociais e assegurar que eles finalmente saiam do papel. ▶

Quem esteve ameaçado de perder o cargo foi o ministro da Educação, Cristovam Buarque. No início do governo, ele quis assumir o comando da área social e foi repreendido por Lula. Há duas semanas, o presidente irritou-se novamente quando soube que o ministro fez uma avaliação pública sobre a possibilidade de fracasso do governo na área social. "O presidente pensou em demitir Cristovam, mas acabou preferindo dar um gelo nele e mandar o ministro José Dirceu dar a bronca", conta um assessor palaciano. Numa conversa tensa, Dirceu, ministro-chefe da Casa Civil, censurou o ministro da Educação. "Se quiser fazer qualquer crítica, faça dentro do governo. Estranho é que na hora de falar, na reunião da Câmara de Política Social, você ficou calado", disparou Dirceu.

Os ministros da área social enfrentam várias dificuldades. Falta dinheiro, os petistas não conhecem a máquina do governo e alguns deles não teriam o perfil mais adequado para cargos executivos. "O problema é

que esse setor do governo é fortemente declaratório e tem hábitos parlamentares. No Executivo é preciso fazer o oposto. É isso que Lula cobra", diz o deputado Paulo Delgado (PT-MG). O curioso é que enquanto esteve na oposição e também na campanha eleitoral o PT dizia ter planos bem amarrados para tudo.

nistério. Tudo era improvisação", lamenta um dirigente petista muito próximo a Lula.

Com todos esses problemas, o Planalto já está refazendo as contas do Fome Zero. Na projeção mais otimista, no máximo serão gastos 70% do R\$ 1,75 bilhão destinados no Orçamento para o combate à fome nes-

Falta dinheiro, alguns petistas não conhecem a máquina e outros não estão preparados

Exemplo disso é o Fome Zero, um grande trunfo na campanha de Lula. Os petistas chegaram ao governo sem saber como transformar a teoria em prática. "Teria sido muito melhor aguardar seis meses para montar uma estrutura completa para lançar o programa do que jogar na rua algo que não estava pronto. Isso criou um anticlímax, porque não havia recurso, logística, parceria estabelecida com Estados e municípios e até mesmo a estrutura física do mi-

te ano, porque o resto da verba será difícil distribuir. Isso significa que deixará de ser aplicado mais ou menos meio bilhão de reais. "Isso é muito ruim. Já estamos estudando um destino alternativo para esse dinheiro", revela um assessor palaciano. Bombardeado por críticas no governo e no Congresso, o ministro da Segurança Alimentar, José Graziano, afirma que o processo é lento. "Estamos refazendo o cadastro nacional das pessoas que serão beneficiadas e mudando a lógica dos programas. E isso é demorado mesmo", justifica Graziano. O ministro da Saúde, Humberto Costa, reconhece que governar é mais difícil do que parecia. "É normal um pouco de angústia. Até porque a gente esperava que as coisas no governo fossem mais simples e fáceis. Mas logo percebemos que a decisão política não se materializa rapidamente. Essa estrutura é algo que não se muda em poucos meses", alega Humberto Costa.

Na visão do economista Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas, três fatores estão prejudicando a área social do governo Lula: a falta de recursos, a dificuldade operacional e o equívoco de concepção. Este último ponto, para Neri, é o mais relevante. Ele diz que o governo errou ao priorizar o programa Fome Zero. "Era um programa muito difícil de ser operado. Caso o governo tivesse priorizado um programa como o Bolsa-Escola, que já está estruturado, poderia ter feito muito mais em seis meses do que já fez. Esse é um problema de concepção", diz. ■

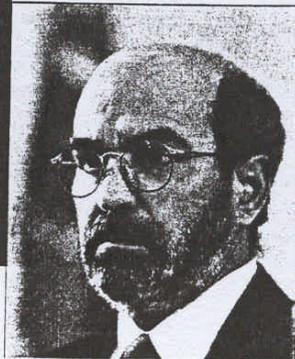
Rafael Neddermever/AE



Alton De Freitas/Ag. O Globo



MINISTROS ANGUISTIADOS
Humberto Costa (acima, à esq.) achou que seria mais fácil, Olívio Dutra (acima) teve corte de verbas, Jaques Wagner (ao lado) atrasou e José Graziano (abaixo) foi muito criticado



Adriano Machado/BC Press